

★ FOLHA DE S. PAULO
★ DOMINGO, 7 DE AGOSTO DE 2011 B1

mercado

Investidores miram 'ativo real' com repique da crise

Rebaixamento de nota dos EUA pode acelerar corrida por 'bens palpáveis'

Em 2008, ruptura foi quebra do americano Lehman; no Brasil, cenário doméstico favoreceu negócios

CAROLINA MATOS
DE SÃO PAULO

Esta semana, pós-rebaixamento da nota de crédito dos EUA, vai ser crucial para indicar se os chamados "ativos reais", como imóveis, terras agrícolas e barras de ouro, vão roubar a preferência dos investidores em detrimento do mercado financeiro.

Em momentos de ruptura, os bens palpáveis voltam a ser atrativos, como forma de proteção dos recursos.

São aplicações que, se por um lado, não oferecem a possibilidade de ganhos tão rápidos e tão altos como a Bolsa, por outro, correm bem menos risco de "derreter" em valor do dia para a noite.

Foi nessa velocidade que, na sexta-feira passada, a di-

vida soberana dos EUA perdeu a nota AAA (a melhor da escala), que mantinha havia 70 anos na avaliação da agência de classificação de risco S&P (Standard & Poor's).

Os próximos dias vão revelar se a mudança será considerada, nos mercados, uma ruptura da relevância da quebra do Lehman Brothers, então um dos principais bancos de investimento norte-americanos, em setembro de 2008.

Ou se será vista como coroação de um processo iniciado com as discussões sobre o limite de endividamento dos EUA —que levou os investidores a se dar conta de que a

economia norte-americana não vai ter força para se expandir nem em ritmo lento.

Na sexta-feira, antes do rebaixamento, as hipóteses giravam em torno da Europa. "Uma ruptura equivalente à quebra do Lehman seria o anúncio de calote de países como Itália e Espanha", disse Roberto Padovani, estrategista-chefe do Banco WestLB no Brasil.

MERCADO DOMÉSTICO

Padovani ressaltou ainda que a crise de 2008 levou a uma corrida mundial para ativos reais. Isso também foi observado no Brasil.

Mas, no mercado doméstico, o movimento foi potencializado por fatores internos, como a forte expansão do crédito e o aumento da renda. A partir de então, os preços dos imóveis brasileiros explodiram —boom que se intensificou em 2010.

"Considerando todas as obras que vão ter que ser feitas nas cidades em razão da Copa e da Olimpíada, é claro que os imóveis vão continuar se valorizando", disse André Perfeito, economista-chefe da Gradual Investimentos.

Ele diz não acreditar em mudança radical do perfil de investimentos no país agora. "Empresas importantes da Bolsa, como as de varejo, têm o suporte doméstico."

"Depois que o pânico passar, os investidores vão ter de decidir onde aplicar. E vão ter de voltar para o Brasil, porque Europa e EUA não vão crescer", afirmou Alexandra Almawi, economista da Lerosa Investimentos.

Considerando as obras da Copa e da Olimpíada, os imóveis vão se valorizar

ANDRÉ PERFEITO
economista-chefe da Gradual Investimentos

Os investidores vão ter de voltar para o Brasil, porque Europa e EUA não vão crescer

ALEXANDRA ALMAWI
economista da Lerosa Investimentos


» LEIA MAIS na pág. B3



TENSÃO NOS MERCADOS
Investidor deve buscar ativos físicos

 **-10%**
foi a desvalorização da Bovespa na semana

 **-5,8%**
foi a queda do índice Dow Jones (Nova York)

 **-9,8%**
foi o quanto caiu o principal índice de ações do Reino Unido

 **-13%**
foi o quanto caiu o principal índice de ações da Alemanha

Fonte: Bloomberg, Reuters e Folha *Nova York